

## 2.2. A VIDA COMO ORAÇÃO

P. Ivo COELHO

*Conselheiro para a Formação*

O Reitor-Mor, em sua Apresentação dos Documentos do CG27, ao falar da “graça de unidade”, escreve: “é o caminho para responder com generosidade e sermos nós mesmos: salesianos consagrados, irmãos a serviço dos jovens. Acolhendo este dom encontraremos um traço característico da nossa espiritualidade que é a união com Deus; ela favorece a unificação da vida: oração e trabalho, ação e contemplação, reflexão e apostolado” (CG27, p. 10). O mesmo Capítulo escolheu o ícone da videira e dos ramos como símbolo da unidade profunda entre ser místicos no Espírito, profetas de fraternidade e servos dos jovens. Queremos oferecer este subsídio em vista da unificação que nos faça ser contemplativos na ação (C. 12), pessoas com “um projeto de vida fortemente unitário”, como o do nosso pai Dom Bosco (C. 21).

Sem dúvida, a nossa vida caracteriza-se pelo trabalho incansável, na fidelidade ao lema “trabalho e temperança”, e principalmente no exemplo do nosso Pai Dom Bosco. Entretanto, este trabalho não se torna muitas vezes um grande risco, um obstáculo à nossa oração? Não nos referimos apenas “às” orações, entendidas como práticas de piedade, mas, sobretudo, à união com Deus que deve caracterizar toda a nossa vida. Recordando a bela frase de Santa Teresa de Jesus “que a oração mental não é outra coisa senão amizade, tratando-se frequentemente de estar sozinhos com quem sabemos que nos ama”,<sup>2</sup> a questão é esta: como fazer da nossa vida uma experiência de Deus, um encontro de amor com Ele? E como poderia a nossa missão dar a toda a nossa existência o seu tom concreto (C. 3), de modo que a vida se torne oração?

---

<sup>2</sup> “Que no es otra cosa oración mental, a mi parecer, sino tratar de amistad, estando muchas veces tratando a solas con quien sabemos que nos ama.” S. Teresa di Gesù, *Vida* 8, 5.

A nossa Regra de Vida, na primeira sessão, em que se apresenta a identidade fundamental do salesiano, afirma:

“Trabalhando pela salvação da juventude, o salesiano faz experiência da paternidade de Deus e reaviva continuamente a dimensão divina da própria atividade: ‘Sem mim nada podeis fazer’ (Jo 15,5). Cultiva a união com Deus, consciente da necessidade de rezar sem interrupção em diálogo simples e cordial com o Cristo vivo e com o Pai que sente perto de si. Atento à presença do Espírito e tudo fazendo por amor de Deus, torna-se, como Dom Bosco, contemplativo na ação” (C. 12).

Como poderemos transformar este ideal em realidade? Aqui, convém fazer um esclarecimento necessário: não se trata de diminuir a importância das *práticas* sacramentais e de piedade, através das quais se torna concreto o nosso diálogo com o Senhor. Contudo, para além delas, perguntamo-nos como a nossa vida e trabalho poderiam ser experiência de Deus.

### **“A vida como oração”: identidade da oração salesiana**

Parece-me que a esta questão, essencial para a nossa vida de consagrados apóstolos, responde de maneira extraordinariamente rica o artigo 95 das nossas Constituições, que traz, com efeito, como título, *“A vida como oração”*:

“Imerso no mundo e nas preocupações da vida pastoral, o salesiano aprende a encontrar Deus naqueles a quem é mandado. Descobrendo os frutos do Espírito<sup>1</sup> na vida dos homens, especialmente dos jovens, dá graças em todas as coisas:<sup>2</sup> partilhando seus problemas e sofrimentos, invoca para eles a luz e a força de sua presença. Alimenta-se da caridade do Bom Pastor, de quem quer ser testemunha, e participa das riquezas espirituais

que a comunidade lhe oferece. A necessidade de Deus, sentida no trabalho apostólico, leva-o a celebrar a liturgia da vida, até chegar à «operosidade incansável, santificada pela oração e pela união com Deus, que deve ser a característica dos filhos de Dom Bosco”.<sup>3</sup>

A fim de sublinhar alguns elementos deste belíssimo texto, gostaria de fazer uma comparação com a versão prévia nas Constituições *ad experimentum* do Capítulo Geral Especial (1972). Então, o texto expressava mais a *problemática* da síntese entre oração e trabalho: “Ao salesiano, imerso no mundo e nas preocupações da vida apostólica, **encontrar-se com Deus na liberdade e espontaneidade de filho pode, às vezes, ser difícil**”. Era sem dúvida uma constatação verdadeira e concreta, mas ao mesmo tempo envolvia certa *dicotomia*, que novamente se fazia presente no final quando dizia: “a necessidade interior de Deus leva-nos a viver n’Ele a liturgia da vida, oferecendo-nos a nós mesmos no trabalho cotidiano ‘como hóstias vivas, santas e agradáveis a Deus’ (Rm 12,1)” (C. 67, 1972). Também isso é verdade, e reflete toda a tradição espiritual da Igreja, mas podemos nos perguntar: não será muito genérico, de modo que possa ser aplicado a todo trabalho e a todo tipo de espiritualidade?

Diferentemente, o artigo atual procura superar esta possível dicotomia, na sua mesma raiz, isto é, na *maneira de entender salesiana* a relação entre o nosso trabalho e a união com Deus. Podemos acrescentar que não foi fácil; de fato, o processo de elaboração deste artigo, verdadeira joia de espiritualidade salesiana, só encontrou uma síntese bem-sucedida e iluminante na última redação no final do Ca-

---

<sup>3</sup> Enquanto a união com Deus é o tema de C. 12, C. 95, sobre a vida como oração, ocupa um lugar muito especial nas Constituições, indo justamente ao mesmo fim, não só no cap. VI, “Em diálogo com o Senhor”, mas também na Segunda Parte das nossas Constituições: Enviados aos jovens – em comunidades – no seguimento de Cristo. O CG22 era extremamente sensível à estrutura das Constituições e a colocação de C. 95 faz uma espécie de síntese não só da nossa vida de oração, mas também de toda a nossa vida. Ele trata precisamente da vida como oração.

pítulo. Isso se vê desde o início do artigo, que oferece um contraste explícito com o texto anterior: “imerso no mundo e nas preocupações da vida pastoral, **o salesiano aprende a encontrar Deus naqueles a quem é enviado**”. E, no final, sublinha-se a mesma coisa: “a necessidade de Deus, **sentida no trabalho apostólico...**”.

Gostaria de convidar-vos a uma leitura atenta e cuidadosa deste artigo, para descobrir nele alguns elementos preciosos que constituem uma *criteriologia* que nos ajuda a discernir se a nossa ação está se tornando realmente oração, experiência de Deus. Ao mesmo tempo, esta *criteriologia* oferece-nos as “*condições possíveis*” para realizá-lo.

1. Em primeiro lugar, encontramos um elemento essencial e indispensável: *estar entre os jovens e com eles*. Esta “presença ativa e amiga” (C. 39), que chamamos de “**assistência**”, não tem nada a ver com aquela de um policial que se interessa apenas em manter a ordem, mas não constitui também apenas a “base” para depois fazer outras coisas, mais importantes. Somos chamados não a “fazer muitas coisas”, mas a ser como Jesus *epifania*, revelação, Rosto do Pai; a nossa missão consiste em ser sinais e portadores do seu amor (C. 2). A presença salesiana constitui uma mediação concreta da presença do “Deus-conosco”; e, de alguma maneira, podemos dizer que é uma antecipação daquilo que Jesus pediu ao Pai para todos nós: “Pai, quero que também aqueles que me deste estejam comigo onde eu estou” (Jo 17,24). Este “estar-com” constitui o núcleo da vida eterna: estar com Deus e com todos os nossos irmãos e irmãs.<sup>4</sup> Não podemos ignorar

<sup>4</sup> Vale a pena deter-se na presença salesiana como antecipação da vida eterna, e essencialmente como um estar com Deus e com todos os nossos irmãos e irmãs. Sobre o primeiro ponto, cf. J. Ratzinger, *My Joy is to Be in Thy Presence: On the Christian Belief in Eternal Life*, in J. Ratzinger, *God is Near Us: The Eucharist, the Heart of Life* (San Francisco: Ignatius Press, 2003). Sobre o segundo ponto, cf. a fascinante sugestão de J. Alison: “a alegria posta diante de [Jesus]” (cf. Hb 12,2) era precisamente “a possibilidade de alegrar-se para sempre numa grande celebração, juntamente com

que este é um dos aspectos nos quais todos somos chamados a crescer: todos nós, e não só os jovens irmãos (significativamente chamados, às vezes, de “assistentes”).

2. A nossa presença deve ter uma característica muito concreta: a *consciência de missão*. O texto constitucional não diz simplesmente “nas pessoas”, mas nem só “nos jovens”, mas explicitamente: “*naqueles a quem é enviado*”. Apesar da nossa boa vontade, não encontraremos o Senhor a não ser que o procuremos naqueles aos quais Ele mesmo nos envia. Este é um dos elementos essenciais da obediência salesiana, entendida como busca constante e apaixonada da vontade de Deus, a exemplo de Jesus: “O meu alimento é fazer a vontade d’Aquele que me enviou” (Jo 4,34). O que nem sempre é fácil, sobretudo quando o trabalho não é “gratificante”.
  
3. Neste movimento em direção aos jovens aos quais somos enviados, encontramos uma dialética interessante: Deus nos espera nos destinatários da nossa missão, mas, ao mesmo tempo, somos chamados a levar-lhes o seu Amor salvífico; uma dialética que, em certo sentido, encontramos também nas palavras de Jesus, em Mt 25,31-46. O que me parece ser o elemento central, se a vida salesiana deve tornar-se oração. Isto pode ser sintetizado na frase, “deixar Deus por Deus” desde que seja bem entendida e não simplesmente como uma desculpa conveniente para abandonar a “oração” pelo “trabalho” ou vice-versa.

---

uma multidão de pessoas: bons, maus, depressivos, mas seres humanos e, por isso, amados”. Cf. J. Alison, *Raising Abel: The Recovery of the Eschatological Imagination* (New York, Crossroad, 1996), 189. “Onde estiver o teu tesouro, ali também estará o teu coração” (Mt 6, 21). O coração de Jesus está, sem mais, centrado no seu Pai e em todos nós, seus irmãos e irmãs.

4. A ação educativa e pastoral em favor dos jovens pressupõe uma *análise da realidade* com base na fé na missão salesiana: envolve *olhar para a realidade juvenil com o olhar de Jesus, Bom Pastor*, segundo o estilo de Dom Bosco. Esta “leitura” determinará se a ação é realmente salesiana ou se nos reduzimos a ser, como repetidamente diz o Papa Francisco, uma simples ONG que trabalha pela promoção da juventude. Este “olhar pastoral” – com “serena atenção, que sabe manter-se plenamente presente diante de uma pessoa sem estar pensando no que virá depois” (*Laudato Si’* 226) – nos permitirá discernir as prioridades evangélicas em nosso trabalho e, ao mesmo tempo, reconhecer “a ação do Espírito” na vida dos jovens; caso contrário, corremos o risco de trabalhar muito, mas descuidando da *missão* – um perigo muito real, dada a complexidade da realidade juvenil.
  
5. Uma característica da oração salesiana, sublinhada desde o início em nossa Regra de Vida, é a relação inseparável com a vida, segundo o exemplo de Dom Bosco, que “viveu a experiência de uma oração humilde, confiante e apostólica, que unia espontaneamente a oração com a vida” (C. 86). O mesmo artigo termina afirmando que a oração salesiana “adere à vida e nela se prolonga”: *cume e fonte*, como diz o Concílio Vaticano II ao falar da Eucaristia.  
Não se trata, portanto, de “deixar na porta da capela” as nossas preocupações, os nossos projetos pastorais, os nossos entusiasmos e as nossas decepções; neste caso, quem entraria em diálogo com Deus? Alguém vazio, sem identidade, sem história, sem *motivos* para encontrar o Senhor... Como vimos, o artigo 95 fala explicitamente da “necessidade de Deus, **experimentada no trabalho apostólico**”.

6. Tentando tornar este ponto ainda mais concreto, o mesmo artigo indica, de maneira breve, mas muito importante, como as diversas “**formas**” de oração brotam da *situação vital dos nossos jovens*: “descobrimo os frutos do Espírito na vida dos homens, especialmente dos jovens, [ele] dá graças em todas as coisas:<sup>5</sup> partilhando seus problemas e sofrimentos, invoca para eles a luz e a força da sua presença”. A oração de *louvor* e *agradecimento* nasce da contemplação da ação do Espírito nos nossos jovens (aqui, de novo, é necessário o olhar de fé do Bom Pastor: devemos recordar que Jesus louva e agradece ao Pai mesmo depois do insucesso da sua pregação nas cidades do lago (Mt 11,25-30). A oração de *invocação* e de *pedido* surge da participação em seus problemas e dificuldades; e gostaria de acrescentar uma forma de oração típica do mediador-apóstolo, às vezes muito esquecida: a oração de *intercessão* (“para que se realize em cada um deles o desígnio do Pai” – C. 86) e até de *reparação* (no seu sentido mais autêntico).
7. Enfim, entre muitos outros aspectos, gostaria de sublinhar a **dimensão comunitária** da nossa oração: “(o salesiano) participa das riquezas espirituais que a comunidade lhe oferece”. À luz de tudo o que dissemos anteriormente, não se poderia entender esta dimensão também como uma *participação comunitária da experiência de Deus de cada irmão*? Como seria belo se, na comunidade, pudéssemos exprimir e partilhar a maneira com que cada um de nós “descobre Deus” nos nossos destinatários! Penso no ícone de Emaús: entre os que permaneceram em Jerusalém e os que retorna-

---

<sup>5</sup> O artigo constitucional cita *Ef* 5, 20; eu acrescentaria *Fl* 4, 6 (o texto paulino da Missa de Dom Bosco).

ram à própria aldeia, há um intercâmbio de “encontros com Jesus ressuscitado”, que culmina com a presença do próprio Senhor! (Cf. Lc 24,33-35).

### Concretamente...

Sem dúvida, tudo isso é um ideal, uma meta que nem sempre se alcança em nossa vida cotidiana. Por outro lado, trata-se de um elemento-chave da nossa espiritualidade, um dos elementos fundamentais, como se dizia no início: a “graça de unidade”, o apelo a ser “místicos no Espírito” e “contemplativos na ação”. Parece-me que este também é o horizonte da vida entendida em chave de *formação permanente* e, por isso, gostaria de sublinhar uma **palavra-chave**, que intencionalmente não mencionei até o momento: “o salesiano **aprende** a encontrar Deus...”. Este termo indica que é indispensável um aprendizado, feito sem dúvida primeiramente de esforço pessoal, mas também de tempo, acompanhamento, experiências que tornem possível este “aprender”. Não devemos dar por certo que todo encontro e trabalho com os jovens se tornem automaticamente *oração e encontro com Deus*. Em outras palavras, tendo refletido sobre o “**que**”, também é necessário insistir sobre o “**como**”.

Antes de continuar, gostaria de notar que o “que” traçado acima é eminentemente prático, e nesse sentido já é um “como”. “O nosso ser depende do nosso modo de ver e da medida em que esta visão se torna estável em nossa intencionalidade. Entretanto, não chegamos a ver através do simples ato de olhar, mas através de um treinamento da nossa visão com a ajuda das metáforas e dos símbolos que constituem as nossas convicções centrais”.<sup>6</sup> Em qualquer esforço para mudar a nossa vida, portanto para adquirir uma visão correta, é muito mais

<sup>6</sup> “We are as we come to see and as that seeing becomes enduring in our intentionality. We do not come to see, however, just by looking but by training our vision through the metaphors and symbols that constitute our central convictions.” Stanley Hauerwas, *Vision and Virtue* (Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1981), 2.

importante do que o exercício, embora diligente, da força de vontade. Jesus, deveríamos recordar, fazia uso abundante das imagens. “A força de vontade é um motor não confiável no qual acreditar pela energia interior; uma imagem correta, contudo, silenciosa e inexoravelmente nos leva ao campo da realidade, que é também um campo de energia”.<sup>7</sup> O caminho para a vida como encontro com Deus, ou melhor, a *união* com Ele, comporta a formação da nossa visão que não pode ser desprezada.

Cabe a cada Inspetoria, e a cada comunidade local, encontrar os meios mais adequados para caminhar para esta “identidade salesiana”. Contudo, podemos também retornar à “criteriologia” proposta acima, que também nos oferece ao mesmo tempo as “condições de possibilidade” para chegar a este horizonte.

O *primeiro* critério é uma condição necessária (mas não suficiente!): se não fizermos o esforço de estar com os jovens, não há possibilidade de descobrir a ação da graça neles. Constatamos atualmente, em diversas partes da Congregação, certo “afastamento” em relação aos jovens da parte dos nossos irmãos, jovens e não, e, sobretudo, certa *aversão* pela *assistência*: como se tivéssemos “coisas mais importantes a fazer”. Corremos o risco de perder o encontro com os jovens reais (algumas vezes, muito difíceis de gerir) e nos refugiamos no encontro *virtual*, mediante muitos meios modernos de comunicação – embora alguma vez pudéssemos chegar ao ponto de “oferecê-los a Deus”! Mas não é este o caminho, não é isto que nos faz ser “bons pastores dos jovens” segundo o exemplo de Dom Bosco. É indispensável, portanto, oferecer aos nossos jovens irmãos a **experiência** de estarem com os jovens, educando-os (isto é indispensável!) no verdadeiro sentido da assistência salesiana, o que não se faz apenas com as palavras, mas com o exemplo.

---

<sup>7</sup> “Willpower is a notoriously sputtery engine on which to rely for internal energy, but a right image silently and inexorably pulls us into its field of reality, which is also a field of energy.” Eugene H. Peterson, *Under the Unpredictable Plant: An Exploration in Vocational Holiness* (Grand Rapids: William B. Eerdmans / Leominster: Gracewing, 1992), 6.

O *segundo*, o *terceiro* e o *quarto* critérios comportam, de fato, uma reeducação da nossa visão: a consciência da missão, o conhecimento da dialética entre Deus que nos espera nos jovens e a nossa vocação como epifania, o “olhar pastoral”. Não basta “estar com os jovens”; é preciso fazê-lo com o sentido de *missão*, que deriva diretamente da obediência entendida como busca e realização da vontade de Deus. É preciso buscar estratégias e linhas de ação para reforçar este sentido “de fé” no trabalho com eles, evitando todo tipo de individualismo ou de “opções puramente pessoais” na ação educativa e pastoral. Não basta fazer “coisas boas”, ou mesmo “descobrir Deus” em todas as pessoas. Somos chamados a encontrar Deus precisamente nos jovens “pobres, abandonados e em perigo” (C. 26), “com prioridade a juventude masculina” (R. 3), e não em qualquer pessoa.

O *quinto* critério é a dialética entre “oração” e vida. Há uma relação vital entre as “práticas de piedade” – comunitárias e pessoais – e a vida. Jesus mesmo sentiu a necessidade de passar longos momentos em oração. O amor é, antes de tudo, um estado, mais do que um ato. Mas há necessidade de atos, de momentos especiais que o declaram, afirmam, celebram, compartilham, reforçam. É importante superar uma atitude de dicotomia. O Deus que descobrimos naqueles aos quais somos enviados é o mesmo Deus que invocamos e celebramos e agradecemos nos nossos momentos formais e informais de oração. O salesiano *precisa* de momentos de silêncio para rever e reviver a sua jornada, para agradecer e para interceder. Não pode permitir-se descuidar dos momentos de tranquilidade que se misturam na estrutura da vida comunitária. Essas práticas e esses momentos são elementos importantes na dialética do nosso itinerário para a união de amor que é a vida como oração. A nossa vida e o nosso trabalho entram nestes momentos, as nossas intenções se purificam, os nossos olhos se iluminam e a nossa visão se abre para ver a obra de Deus na vida daqueles aos quais fomos enviados.

É hora de dar atenção ao convite dos nossos Capítulos Gerais e de cuidar particularmente da oração pessoal e da meditação, em que cada um exprime o seu modo pessoal e profundo de ser filho de Deus, dando graças ao Pai e confiando-lhe os desejos e as preocupações do apostolado, recordando que para Dom Bosco a oração mental era “garantia de alegre perseverança na vocação”, enquanto reforça a nossa intimidade com Deus, salva da rotina, conserva o coração livre, obtém dinamismo e constância e alimenta a dedicação àqueles aos quais fomos enviados (C. 93, 88).

Como comunidades inspetoriais e locais, precisamos dar uma renovada atenção aos retiros mensais e aos exercícios espirituais anuais, que são “ocasiões especiais de escuta da Palavra de Deus, de discernimento de sua vontade e de purificação do coração”, e que “restituem ao nosso espírito profunda unidade no Senhor Jesus e mantêm viva a espera da sua volta” (C. 91).

Seria preciso acrescentar aqui também o acompanhamento espiritual que “treina” os nossos olhos, nos ajuda a desenvolver a inteligência contemplativa e a capacidade de discernir a presença de Deus e a ação da graça em nossos destinatários (ver CG27 67,2), como também o acompanhamento pastoral nos primeiros anos de ministério – e aqui os mestres dos noviços, os diretores e os guias espirituais dos pós-noviços, dos tirocinantes e dos jovens irmãos em formação específica têm uma responsabilidade toda especial. Sobretudo nos primeiros anos da formação, aprendemos e somos ajudados a reconhecer a dimensão divina da nossa atividade. Percebemos “a necessidade de rezar sem interrupção em diálogo simples e cordial com o Cristo vivo e com o Pai”; aprendemos a viver atentos à presença do Espírito e a realizar tudo por amor de Deus (C. 12).

Não há necessidade de elaborar ulteriormente a *sexta* condição. Vale a pena, porém, nos determos na *sétima*, a dimensão comunitária, porque responde à insistência dos nossos Capítulos Gerais recentes sobre as formas comuns de oração, tanto antigas como novas. Uma

das dificuldades sobre a oração comunitária é a *partilha* fraterna, em especial da nossa *experiência de Deus*. Não é fácil “reeducar-nos” neste sentido. Sem dúvida, é mais fácil fazê-lo com os jovens irmãos no início da vida salesiana, mas nem mesmo neste caso se pode dá-lo por certo. É necessário encontrar momentos adequados de partilha comunitária (incluída a *lectio divina*), para educá-los (e a nós mesmos) na oração em comum a partir das experiências do nosso trabalho educativo e pastoral: orações de agradecimento, de pedido, de intercessão, de reparação... Estas experiências também reforçam e aprofundam de maneira extraordinária a vida fraterna, quase como um termômetro: onde não há comunicação em profundidade, o nível de vida comunitária é muito superficial, às vezes quase inexistente.

Peço que o Diretor de cada comunidade, depois de estudar e meditar pessoalmente sobre esta minha reflexão, convide cada um dos seus irmãos a fazer o mesmo, e torne possível um momento comunitário de intercâmbio e diálogo, utilizando estas ou outras perguntas semelhantes: Quais os aspectos que mais me impressionaram? Em quais aspectos teria / teríamos necessidade de crescer? Quais passos poderia / poderíamos tomar nesta direção?

Convido, de modo especial, os mestres dos noviços, os diretores e guias espirituais de todos os níveis de formação a encontrar modos de acompanhar os jovens irmãos, como indivíduos e como comunidade, no seu caminho para a vida como oração.

Caros irmãos, invoquemos juntos a assistência de Nossa Senhora, “modelo de oração e de caridade pastoral” (c. 92) e “mãe e mestra” (C 98), de São José, “mestre da vida interior”, do nosso pai Dom Bosco, e de uma multidão de irmãos, grandes e pequenos, entre os quais o B. Artêmidas Zatti e o Ven. Simão Sruji, que viveram a graça de unidade e agora intercedem por nós.